



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

REFLEXÕES SOBRE MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ CONRADO DE ARAÚJO, ARACAJU-SE

AYSLAN SOBRAL REZENDE

ALINE LIMA DE OLIVEIRA NEPOMUCENO

MARIA INÊZ OLIVEIRA ARAÚJO

EIXO: 11. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Resumo As dimensões ambientais configuram-se crescentemente como uma questão que diz respeito ao conjunto dos atores do universo educativo, potencializado pelo envolvimento da comunidade escolar como um todo. Contudo, tendo em vista problemática atual que envolve o meio ambiente e seu processo de degradação, a Educação Ambiental adquiriu grande destaque como possibilidade de diminuir ou amenizar tal processo por meio de pressupostos e ações educativas. Neste sentido, esta pesquisa se propôs a explicitar as concepções de Educação Ambiental e de meio ambiente na visão de alguns professores da Escola Municipal José Conrado de Araújo, de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, de Aracaju-SE. Diante do exposto, optou-se por uma abordagem qualitativa por meio do estudo de caso, utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas. Baseando-se nas concepções de meio ambiente dos(as) entrevistados(as), percebe-se o quanto o campo da Educação Ambiental é heterogêneo, indicando múltiplos olhares e, portanto diferentes práticas pedagógicas em relação ao ambiente. **Palavras-chave:** Concepções. Educação Ambiental. Meio Ambiente. **Abstract** Environmental dimensions shape up increasingly as an issue that concerns all the actors of the educational world, enhanced by the involvement of the school community as a whole. However, in view current problems involving the environment and its degradation process, the Environmental Education acquired great prominence as a possibility to reduce or mitigate such a process through assumptions and educational activities. In this sense, this research aimed to explain the concepts of environmental

education and environment in the view of some teachers of the School José Conrado de Araújo, from 6th to 9th years of elementary school in the city of Aracaju-SE. Given the above, we opted for a qualitative approach through case study, using as a tool: a semi-structured interview. Based on the environmental concepts of respondents perceive it as the field of environmental education is heterogeneous, indicating multiple looks and therefore different pedagogical practices on the environment. **Key words:** Conceptions. Education environmentally. Environment.

1. Introdução

É inegável a importância da Educação Ambiental (EA) frente à crise da civilização enfrentada pela humanidade, em que a educação precisa ser entendida como um instrumento de transformação, proporcionando aos indivíduos ferramentas necessárias para o exercício da cidadania, onde o sujeito descobre-se ativo no processo histórico e agente transformador da realidade socioambiental da atualidade. Diante do exposto, percebemos que todos os dias são colocados novos produtos no mercado, criando novas necessidades de consumo. E, quanto mais se fabrica mais se consome, mais recursos naturais e energéticos são utilizados, e o volume de resíduos sólidos enviado aos aterros cresce bastante. Na educação, torna-se necessária, e é viável, uma reestruturação progressiva das culturas que ao longo da história investiram em processos que implicaram no empobrecimento dos recursos e das fontes básicas da vida. Nesse sentido, a EA é apresentada como um instrumento de minimização e/ou de solução dos problemas ocasionados pelo lixo e pelos compostos químicos lançados ao meio ambiente, os quais estão ocasionando uma forte e rápida degradação deste e para que isso possa ocorrer, torna-se imprescindível a discussão sobre que “tipo” de professor(a) está sendo formado e quais as concepções ele(a) possuem para tratar do tema em questão. Contudo, para que ocorra uma mudança deve-se trazer como referência a transformação da consciência das pessoas em direção à construção de um mundo mais justo, digno e ecologicamente equilibrado. Compreende-se assim, que essas mudanças tornem-se possíveis por meio da escola, uma vez que esta oferece condições para que o aluno compreenda as modificações socioambientais que vivencia, de modo crítico, já que a principal função da escola com a inserção das questões socioambientais é a de contribuir com a formação de indivíduos conscientes e aptos a exercerem a cidadania, de maneira ética e comprometida com a vida em sociedade (BRASIL, 1997a). Sabemos que os PCNs se prestam a orientar o planejamento escolar e as ações de reorganização do currículo, destinado a formar professores e alunos em cidadãos dos novos tempos. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem que,

a educação ambiental é algo essencialmente oposto ao adestramento ou à simples transmissão de conhecimentos científicos, constituindo-se num espaço de troca esses conhecimentos, de experiências, de sentimentos e

energia. É preciso então lidar com algo que nem sempre é fácil, na escola: o prazer. Entre outras coisas, o envolvimento e as relações de poder entre os atores do processo educativo são modificados (BRASIL, 1998, p. 182).

Neste sentido, entende-se que a EA se constitui como um processo contínuo, pois trabalha, principalmente, em relação à mudança de hábitos e comportamento do indivíduo frente ao meio ambiente. Assim sendo, torna-se visível que a EA além de ser um novo paradigma de comportamento e reflexões é também um novo alicerce nas transformações culturais e sociais de um povo, pois somente pela educação é que se reconhece a identidade e características dos mesmos. Portanto, é importante que se desenvolvam projetos socioambientais que visem sanar ou reconhecer os problemas pré-existentes e a partir desta visualização fomentar possibilidades de tomadas de decisões através da construção do conhecimento crítico dos alunos refletido nos momentos em sala de aula, ou até mesmo em uma atividade extraclasse para a melhoria do meio socioambiental e possíveis medidas adotadas para minimizar esta situação. Nesta perspectiva, esta pesquisa buscou verificar quais as concepções de meio ambiente e EA dos(as) professores(as) envolvidos com os projetos pedagógicos, da Escola Municipal José Conrado de Araújo, Aracaju-SE, contribuindo para a reflexão sobre os temas no intuito de colaborar para a efetiva inserção da EA na instituição.

1. (RE)Pensando a EA

A EA vem sendo um dos temas com mais enfoques nos últimos anos, nas escolas a sua participação tenta resgatar valores humanos como: ética, solidariedade, responsabilidade, cidadania, e, entre outros. Porém a maior problemática ambiental é a crise socioambiental, pois urge à sociedade formar seres humanos que compreendam a relação da natureza com os seres vivos, bem como afeição o conhecimento crítico sobre as concepções ambientais. Com isso,

Art. 1o Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999, p.1).

O principal foco da EA é a sensibilização das pessoas para que elas possam

pensar e agir de maneira correta em relação ao meio ambiente, preservando, cuidando, desenvolvendo maneiras para resolver os atuais problemas presentes no nosso ambiente, e procurando métodos que sejam soluções para que no futuro existam cidadãos críticos, atuantes na sociedade em que estão presentes, e conscientes das consequências dos seus atos e de suas ações para com o meio. Apesar de a EA ainda persistir em constituir o seu lócus[1] de ação, a mesma surge como possibilidade de mudança de um processo de intensificação do consumo insustentável. Sendo assim, é através da prática da EA Crítica/Emancipatória que se pode enfrentar os impactos socioambientais e seus resultados. Desta forma, Carvalho (2001, p. 43) sustenta que:

A EA vem sendo incorporada como uma prática inovadora em diferentes âmbitos. Neste sentido, destaca-se tanto sua internalização como objeto de políticas públicas de educação e de meio ambiente em âmbito nacional quanto sua incorporação num âmbito mais capilarizado, como mediação educativa, por um amplo conjunto de práticas de desenvolvimento social.

Assim, é fundamental a adesão da EA por todos. Ela constrói meios de interagir com o meio ambiente. Esta interação dá oportunidade de descobrir novos conhecimentos, e de aplica-los na prática as ações ambientais sustentáveis. Portanto, necessita-se inserir a EA nos mais diversos lugares da sociedade, visto que o que ela contribui, é algo de extrema importância para a continuação da vida humana.

3. Institucionalização da EA

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) garante a educação como um direito de todo o cidadão. A preocupação com a Educação Básica dá-se pela necessidade de proporcionar ao cidadão o conhecimento, em um nível mais elevado intelectualmente, em relação ao mundo em que vive, aos níveis de produtividade e às relações que estabelecem com a sociedade.

Desta feita, a questão socioambiental está diretamente ligada à sociedade, a proteção do meio ambiente e a própria sistemática da EA, como apresenta o capítulo VI, art. 225, da Constituição Federal, conforme se verifica:

Art. 225 – Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida,

impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. [...]

VI – promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para preservação do meio ambiente; (BRASIL 2002 p.68).

Em virtude disto, justifica-se a presença da EA em todos os níveis de ensino e modalidades, seja ele de caráter formal, não formal ou informal. No Ensino Formal, ou seja, na educação escolar, a EA pretende ser desenvolvida, nos currículos das instituições de ensino público e privado, da Educação Básica, Educação Superior, Especial, Profissional, Educação de Jovens e Adultos; através de uma prática integradora, contínua e permanente, não podendo ser implantada como disciplina específica, salvo alguns casos, como nos cursos de pós-graduação e no ensino não formal (BRASILb, 2001). Segundo a Lei 9795/99, art. 13:

Entende-se por Educação Ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente (BRASIL,1999). Acredita-se que a realização de EA tendo início na escola, poderá atingir os demais segmentos da sociedade, já que a inserção da dimensão socioambiental na escola proporciona a realização de um trabalho contínuo e permanente e as transformações alcançadas transpõem os muros da mesma (SILVA, 1995). Ao que se refere às políticas educacionais, em 20 de dezembro do ano de 1996, foi promulgada a Lei nº 9.394/96, de grande relevância para a Educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL,1996), estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional. Neste contexto, o art. 22 da LDB prevê que a Educação Básica tem por finalidade desenvolver no educando a formação ao exercício da cidadania e meios para prosperar no trabalho e nos estudos. Em virtude disto, a LDB estabelece que a educação não compreenda somente a aquisição de conhecimentos, mas envolve também o processo de formação do cidadão, conforme se verifica em seu Artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e

pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL,1996, p.7).

Para tanto, com a intenção de apoiar as discussões e o desenvolvimento do projeto educativo das escolas e contribuir para a formação dos professores, a LDB prevê a EA como uma diretriz para o currículo da Educação Fundamental. Em conformidade a isso, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) apresentou em sua proposta de PCN – meio ambiente como um tema transversal (meio ambiente) no currículo escolar (GUIMARÃES, 2006). Contemplada no tema transversal meio ambiente, recomenda-se que a EA seja trabalhada de forma interdisciplinar, assim como os demais temas elencados – Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual - pois, como perspectiva educativa para Reigota (1998), pode estar presente em todas as disciplinas, quando analisa temas que permitem enfocar as relações entre a humanidade e o meio natural, e as relações sociais,sem deixar de lado as suas especificidades.

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade) (BRASIL, 1997, p.52).

O meio ambiente, como um dos temas transversais, contribui como um elemento indispensável para a transformação da consciência ambiental, ou seja, como instrumento de transformação da sociedade na busca de um mundo melhor e mais justo, trabalhando com questões que interfiram diretamente na vida dos alunos, os quais se veem confrontados, diariamente, com tal problemática.

1. Educação ambiental e meio ambiente: concepções dos professores(as)

Diante dos objetivos desta foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com 02 professores(as), da Escola Municipal José Conrado de Araújo, Aracaju-SE,. Vale ressaltar, que as entrevistas realizadas com os docentes da escola campo da pesquisa foram permitidas por meio da assinatura TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e logo após terem sido encerradas as entrevistas foram transcritas e analisadas. **4.1 Perfil dos Professores(as)** Como campo empírico

para a realização desta pesquisa, coletou-se informações sobre as instituições educacionais do município de Aracaju que trabalharam com EA e a partir da relação das escolas listadas no site do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) interativo, utilizou-se desse site por demonstrar os projetos desenvolvidos pelas escolas da sua localidade, diante disso, pode-se escolher a Escola Municipal José Conrado de Araújo, do município de Aracaju – SE, que está situada na Rua Francisco Andrade Sales, 203, no bairro São Conrado. Região conceituada como periferia deste município, devido às condições nas quais a população da região vive, ou seja, são famílias consideradas de baixa renda. Optou-se por esta escola, devido aos projetos desenvolvidos sobre EA na escola e por a mesma já ter participado de uma Conferência de Educação Ambiental no Estado, representando o município de Aracaju. Para compreender o contexto da realidade estudada, realizaram-se alguns procedimentos iniciais, entre eles, contato com o diretor da escola, a fim de coletar informações sobre quais professores foram responsáveis pelo desenvolvimento dos projetos em torno do tema EA e sobre a motivação para a participação da Conferência de Educação Ambiental em 2013. Em seguida, a partir dos objetivos desta , as entrevistas foram realizadas com os professores que contribuíram para a execução dos projetos, onde apenas 02 foram entrevistados da Escola Municipal José Conrado de Araújo, Aracaju-SE, foram entrevistados. Vale ressaltar, que as entrevistas realizadas com os docentes da escola campo da pesquisa foram permitidas por meio da assinatura TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e logo após terem sido encerradas as entrevistas foram transcritas e analisadas. Esse instrumento de coleta de dados foi utilizado durante o período de janeiro a março de 2016. Com esse material, buscou-se entender quais as concepções de EA e Meio ambiente, práticas educativas envolvendo EA desenvolvidas pelos docentes na escola. Além disso, foi possível identificar os professores quanto a sua formação, área de atuação e disciplina que lecionam, traçando um breve perfil dos mesmos. Simultaneamente a este momento de sondagem e diagnóstico, desenvolveu-se a revisão bibliográfica, que depende da natureza do problema, o nível de conhecimento que o pesquisador dispõe sobre o assunto e, do grau de precisão que se pretende conferir a pesquisa. (GONÇALVES, 2005). Os dados revelam que (as) os professores(as) possuem nível superior, e lecionam em suas respectivas disciplinas. Assim, foi possível identificar os(as) professores(as) conforme o quadro a seguir:

PROFESSOR(A)	FORMAÇÃO
P1	Ciências
P2	Geografia

Quadro 1. Perfil dos professores(as) pesquisados da Escola Municipal José Conrado de Araújo. Essa análise possibilitou um primeiro contato com os educadores e, suas concepções, discussões e práticas pedagógicas, o que posteriormente será aprofundado.

4.2 Concepções de Educação

Ambiental

O discurso do docente P2 revelou grande preocupação com a preservação da natureza e com a conscientização dos(as) alunos(as) em relação ao meio ambiente. No trecho exposto abaixo é possível observar a concepção do entrevistado P2 sobre a EA:

*"Então assim E.A. vai lidar com os temas do nosso dia –a –dia e a nossa relação com o meio ambiente. Seja ele dentro de casa, na rua que mora, no bairro, seja ele na escola. **Então assim envolve não somente as questões de conservação de lugares naturais**, mas envolve as questões que lidam com a preservação da vida em geral e **a sustentabilidade em relação a nossa sobrevivência nesse mundo**, então qualquer tema ligado à sustentabilidade, ser humano que leve em conta a sobrevivência para mim é E.A..." (P2)*

É possível observar que, a concepção de EA do entrevistado baseia-se em uma educação conservacionista, porém o que falta à EA conservadora é uma reflexão sobre a sua própria prática. Na maioria das vezes, esta se limita a iniciativas, pontuais e pré- fabricadas, como por exemplo, a coleta seletiva de lixo, o plantio de mudas de árvores e a realização de semanas ambientais. Estas práticas encontram-se, quase sempre, descontextualizadas da realidade socioambiental em questão. Outro ponto é que os atores envolvidos no processo, nem sempre estão capacitados a entender criticamente as dimensões econômicas, históricas, biológicas e sociais dos problemas socioambientais, levando a EA a um conjunto de práticas, pouco críticas, que não questionam as verdadeiras raízes do problema. A partir do pressuposto acima P1 comenta também sobre o tema sustentabilidade, da seguinte maneira:

*"Então na minha visão, desse modo de vida capitalista a E.A. é muito limitada, eu acho que deveria **para ter um ambiente sustentável, para ter sustentabilidade é insustentável nesse sistema que a gente vive hoje**, então para mim é uma discussão muito mais profunda, muito mais delicada, mas eu tenho noção de que se eu for pensar em isso tudo não vou fazer nada." (P1).*

O princípio da sustentabilidade, portanto, surge com a globalização, em que

a sustentabilidade ambiental é a capacidade do sistema manter o seu estado constante no tempo, a tal ponto de incorporar a problemática da relação ser humano e natureza. A EA é a base para a sustentabilidade, sendo que a sustentabilidade é um processo que deverá atingir a sociedade como um todo, sem exclusões nesse processo de transformação, pois é necessária essa integração para que, finalmente, ocorra o desenvolvimento a partir da sustentabilidade. Entretanto, a sustentabilidade é um processo que deve ser estabelecido a longo prazo, pois para haver de fato um desenvolvimento sustentável é necessário trocar o atual modelo de desenvolvimento capitalista-industrial por um modelo que remonte à racionalidade ambiental como considera Leff (2011). Neste contexto, a sustentabilidade emerge como subversão à ordem econômica dominante e como fruto da insatisfação humana contra um modelo falido de desenvolvimento (TRISTÃO, 2005). Disso, pode-se inferir que um sistema sustentável somente será possível mediante a evolução intelectual do ser humano, e que a EA é a base científica para a sustentabilidade, sendo esta um processo que deverá atingir a sociedade como um todo, para que a sua relação com a natureza seja de coexistência e não de exploração e, assim, ocorra o desenvolvimento a partir da sustentabilidade (ROOS; BECKER, 2012). Com este processo todos os elementos da sociedade saem ganhando, pois o resultado final é o progresso pleno das atividades humanas e do meio ambiente que poderá continuar oferecendo recursos que garantam a manutenção da existência humana na Terra. Para que isso ocorra é preciso formar seres humano críticos, conscientes e éticos aptos a enfrentarem esse novo paradigma, como ressalta o entrevistado P1:

*"E Educação Ambiental para mim deveria ser obvio, não uma disciplina, não uma coisa a parte, mas de todos os professores saberem é contextualizar o... não acho legal contextualizar os assuntos, pegar os assuntos e contextualizar, não é isso, mas você ensinar de uma forma contextualizada, **de uma forma que você faça as pessoas pensarem sobre aquele assunto e não decorar** [interrompidos], **e não apenas fazer, tem que ser é crítico**, então E.A para mim pode ser de diversas formas, inclusive de formas inúteis, ela é ampla e qualquer pessoa do mundo fala que está fazendo E.A, mas tem que saber a efetividade dela ..."(P1)*

No exposto acima observa-se que, a EA pretende ser uma prática educativa que vise produzir autonomia e não a dependência, buscando a emancipação de sujeitos, tornando-se um instrumento de transformação. A partir desta perspectiva surge EA Crítica como uma prática educativa que busca enfrentar quiçá solucionar os problemas socioambientais, tendo como principal objetivo uma visão integrada do meio ambiente, a fim de promover o entendimento da realidade e a emancipação dos sujeitos, através da busca individual e coletiva. Diante desse contexto, a Escola Municipal José Conrado de Araújo, participou da sua I CNIJMA, sob a coordenação da professora de Ciências e do então coordenador da escola naquela época. A motivação para essa participação partiu da professora que mediante chamadas realizadas pelos órgãos públicos como mencionado anteriormente, estes abordam bastante essa questão nas escolas, o que possibilitou a referida professora a buscar saber quais formas de participação na conferência, pois o desejo da mesma era deixar algo marcado na história dos alunos, fazer com que eles construíssem juntos um legado na história da instituição, como comenta o entrevistado P1.

Essa questão de 2013 começou com uma mobilização da prefeitura e do governo do estado sobre as conferências do meio ambiente nas escolas. Na verdade, desde lá do federal. Eu vi por aqui pela escola e por fora também. Fiquei ligada que ia ter a conferência Nacional, sempre tem, sempre não né, mas já vi que já tinha tido outro aí e pensei por que não participar?

Aí fui ler o manual como era, a questão das com-vida para realização dessa conferência. E aí o coordenador Pedro, que é bem participativo dessas questões, me chamou, eu já tava interessada né pra poder fazer também e fomos... a motivação é de cumprir um papel social né e de mostrar que eles também são pessoa, também fazem história, estão fazendo, eu falo que a história não é só o que ta no livro que passou não, vocês estão fazendo história. (P1)

Com esse intuito foram realizadas reuniões com os estudantes, professores, pais, funcionários e a comunidade local para conversarem sobre os diversos temas que envolvem o meio ambiente. Inclusive houve um evento em que todos foram convidados para participarem de um debate e provocar a

reflexão sobre as questões ambientais, com a perspectiva de chegarem a um determinado tema central para ser abordado durante o desenvolvimento do projeto. É possível observar nas imagens registradas por Walter Santos alguns momentos dessas reuniões. Então, mediante essas reuniões foi possível implementar o projeto titulado “Nossa água” como comenta o entrevistado P1:

*... A gente tinha ninhos que agente já tinha deliberado antes né, ou a água, principais problemas e tal, e conseguiu. Quando voltou pro coletivo, pra parte final da conferência pra quadra, **decidiu que o tema mais gritante era a água levando em conta que tava no ápice da falta de água na escola.** Inclusive não era só a falta de água na escola, mais o desdobramento dela aqui no rio, muitos alunos colocaram essa questão do rio, de tentar fazer uma campanha no bairro...(P1)*

O tema água é um assunto constantemente em pauta no cotidiano dos cidadãos, abordado por diversas mídias, segmentos sociais e presente em documentos curriculares, legislações, em livros didáticos e objeto de propostas pedagógicas. Estudiosos advertem que a água potável está sendo deteriorada pela ação antrópica, o que tem revelado a urgência de ações para recuperar, conservar e preservar os recursos hídricos. Como destaca os apontamentos de Rebouças (2002, p.8), do total de água da Terra, “97,5% é água salgada e 2,5% de água doce”. Deste percentual de água doce, encontra-se “68,9% em Calotas Polares e Geleiras; 29,9% água subterrânea doce, 0,3% água doce nos rios e lagos e 0,9% em outros reservatórios”. Esta pequena parcela de água doce está sendo deteriorada pela ação antrópica. Isto posto, pode-se perceber que através do projeto pedagógico de EA desenvolvido para a participação da referida escola na CNIJMA a cooperação dos alunos foi bastante importante, pois eles juntamente com a comunidade escolar e local pretenderam desenvolver trabalhos sobre a problemática que estava ocorrendo na região, ou seja, a falta de água. Para isso, foi preciso que os discentes conjuntamente com os demais participantes refletissem sobre a EA e o meio ambiente. Porém houve aos poucos um certo distanciamento dos(as) professores(as) das demais disciplinas, sendo fortalecido apenas pelos(as) professores(as) de Geografia e Ciências. É necessário que os(as) professores(as), atores diretos nesse processo educacional, assim como a E.M José Conrado de Araújo,

compreendam o verdadeiro sentido de interdisciplinaridade e EA. Os trabalhos interdisciplinares, tornam-se peça-“chave” para o fazer em EA, pois a colaboração entre as disciplinas pode vir a desenvolver a construção de um conhecimento sistematizado, contribuindo para o campo interdisciplinar em meio ambiente. Estas concepções, foram possíveis identificar a partir dos relatos feitos pelos sujeitos que compõem a escola, que a EA desenvolvida na mesma, é tida como ocasional, ou seja, apenas em algumas datas comemorativas, representadas por projetos. No entanto, essas práticas ainda permanecem ancoradas ao discurso conservador, a prática é fragmentada, revelando as contradições docentes. Entretanto, a partir da análise das falas dos (as) professores (as), em sua maioria, é possível perceber que há um certo encaixe no viés conservacionista da EA, como no trecho a seguir:

*"Então assim E.A. vai lidar com os temas do nosso dia –a –dia e a nossa relação com o meio ambiente. Seja ele dentro de casa, na rua que mora, no bairro, seja ele na escola. **Então assim envolve não somente as questões de conservação de lugares naturais**, mas envolve as questões que lidam com a preservação da vida em geral e **a sustentabilidade em relação a nossa sobrevivência nesse mundo**, então qualquer tema ligado à sustentabilidade, ser humano que leve em conta a sobrevivência para mim é E.A..." (P2)*

Em contrapartida, também ocorre concepções de uma EA crítica, voltada para construção e reconstrução do conhecimento do(a) aluno(a). Pensa-se que o viés conservacionista esteja atrelado a um projeto momentâneo que a partir dele possa expandir um senso crítico do(a) aluno(a). Tal fato leva-se a apontar para a necessidade de uma formação continuada de educadores(as) ambientais, para que esses possam compartilhar experiências e desenvolver novas práticas pedagógicas, buscando desenvolver no(a) aluno(a) senso crítico e questionador.

4.3 Concepções de Meio Ambiente

Conforme Reigota (1991) é necessário conhecer as concepções das pessoas sobre meio ambiente, pois, só assim será possível realizar atividades de EA. A partir disso, para Sauv   (2005, p. 317) conceitua “meio ambiente como natureza está centrado em uma das correntes mais antigas, a

naturalista, que tem como enfoque a preservação natural, colocando o ser humano como elemento à parte”. Desta forma, em relação à concepção de meio ambiente pode-se analisar através dos discursos que meio ambiente está associado à perspectiva complexa não se restringido a fatores naturais, como o trecho a seguir:

"Meio Ambiente hoje em dia é considerado como árvore, o animal ou então uma coisa bem distante da gente, a gente não se vê dentro do meio ambiente, inclusive ele faz parte através das nossas relações que a gente estabelece com os outros, a gente pode provocar um meio ambiente mais equilibrado com as relações interpessoais equilibradas, o meio ambiente para mim é tudo que está ao nosso redor inclusive nós mesmos e as relações que estabelecemos com esse meio..." (P.1)

Assim, notamos na fala do entrevistado P1 que o meio ambiente é “[...] o da cidade, da praça pública, dos jardins cultivados, etc” (SAUVÉ, 2005b, p. 25). Segue-se, portanto o pressuposto que “[...] conhecer melhor o meio ambiente permite se relacionar melhor e, finalmente, estar em melhores condições para intervir melhor [...]” (SAUVÉ, 2005b, p. 26).

"Então o meio ambiente para mim é o ambiente em que você vivencia, e no seu cotidiano o acordar, o estudar, o sair, todo o lugar é o meio ambiente, mas não somente a questão de ter uma árvore, uma planta, um rio correndo, porque em geral quando a gente vai discutir essas questões em sala de aula a gente precisa discutir isso geralmente com os alunos, quando a gente fala de paisagem natural, natureza, eles não enxergam eles próprios dentro daquele ambiente, ser humano-pessoa como fazendo parte da natureza, é interessante isso." (P.2)

No discurso acima, identifica-se que o mesmo traz como parte integrante desse meio ambiente a presença do ser humano, não se restringiu apenas como um meio ambiente focado na sua parcialidade, incorporando apenas aspectos naturais, e sim a relação que o meio ambiente estabelece com o cidadão e vice e versa. Ademais Guimarães (1995) alerta que, o ser humano é analisado através da sua postura incorreta em relação à natureza, devendo o educador tomar o cuidado de não desenvolver no aluno a visão do ser humano como o centro, “o ser superior”, que domina e se apropria da natureza. Esta concepção fragmentada e excludente contrapõe os processos naturais ao ser humano, que é parte integrante da natureza. O professor precisa

trabalhar os problemas socioambientais com abordagens global e local, vinculadas à realidade e ao cotidiano vivenciado pelos(as) alunos(as), construindo o conhecimento através de reflexões críticas, proporcionando perspectivas de mudança da realidade que o(a) aluno(a) vive, oferecendo a ele(a) a construção de uma visão crítica e a perspectiva transformadora da sua realidade, ou seja, tornando-o(a) um ser crítico para buscar as melhorias para a sua vida em sociedade. Diante desse contexto, um dos docentes relatou como seria a concepção do meio ambiente dos(as) alunos(as) durante os seus questionamentos em suas aulas:

*"Toda vez quando **se questiona essa questão de meio ambiente, E.A, eles pensam sempre que a gente está fora como se fosse assim observador, é interessante isso**, como eu trabalho aqui no José Conrado com as séries iniciais que são só os 6º anos, então no 6º ano é bem presente trabalhar essa questão de meio ambiente, educação ambiental e isso é bem visível, eles não se veem dentro do ambiente ..."(P2)*

O desenvolvimento de ações ao ambiente estão geralmente associadas à colocação do cidadão "fora da natureza", ou seja, a abordagem desse ser humano é apenas como observador e explorador. Essa noção tendenciosa da relação entre o ser humano e o meio ambiente no processo educativo, pode ser decorrente do fato, descrito por Arruda et al. (2000), de que a maioria dos livros didáticos, geralmente, focam numa visão naturalística de meio ambiente, trazendo o ser humano como um mero espectador do meio ambiente natural, o que acaba influenciando o(a) discente a reagir e pensar de tal forma, porém contribui para que o(a) docente desenvolva questionamentos em que os alunos reflitam ainda mais na sua posição em relação ao meio ambiente. Outro aspecto importante, é que a maioria desses professores(as) foi ou é formada na perspectiva conservadora presente, consequente e diretamente, em suas práticas pedagógicas. Logo, vale reforçar que esse tipo de prática também enquadra o processo educativo da EA. Os educadores, formados dentro dessa lógica de silenciamento, estão, na maioria das vezes, preocupados(as) com a degradação da natureza e partilham de soluções paliativas ou mitigadoras, engendradas pela racionalidade hegemônica para a resolução de "problemas ambientais"^[2]. Essa dinâmica espelha uma prática pedagógica limitada pelo discurso inadequado e ingênuo^[3] que forja o papel político do ato pedagógico, tornando-o, ao mesmo tempo, vertical e excludente. É com

base nessas perspectivas que o processo educativo recai em redundância e, consequentemente, a prática educativa se pauta na lógica da “armadilha paradigmática” (GUIMARÃES, 2004). Tais práticas, então, tendem a reproduzir um fazer pedagógico que inebria o caráter crítico e criativo do processo educativo, homogeneizando e superficializando o discurso da EA. Nisto, o ser humano sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora (FREIRE, 2009). O agravante desse tipo de concepção é que o paradigma dominante da sociedade moderna, em sua racionalidade, reforça a visão fragmentada, dualista e dicotômica de mundo, e naturaliza a separação entre o refletir e o agir. Nesse aspecto, chama-se a atenção para a importância da práxis como reflexão e ação, como teoria e prática, realizando-se concomitante e reciprocamente, direcionadas para a constituição de um novo paradigma em conjunto com a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável.

5. Considerações finais É importante considerar que todo trabalho em EA realizado nas escolas, reflete concepções, valores e ideias compartilhados pela comunidade escolar e local. Conhecer as concepções dos(as) professores(as) sobre meio ambiente, EA é uma estratégia fundamental e crucial para qualquer ação educativa na área ambiental. Assim, o estudo EA na E.M. José Conrado de Araújo possibilitou compreender melhor aspectos que potencializam ou dificultam a inserção da temática no ensino formal. É crível, salientar que alguns padrões e concepções, tais como, a educação realizada na escola, a prevalência das perspectivas preservacionistas e comportamentalistas, com ênfase na EA conservadora, com finalidades voltadas apenas para a transmissão de conhecimento precisam de uma maior atenção e desempenho para que sejam superadas nas instituições. Além disso, observamos a prevalência de atividades pontuais (dia da água, dia da árvore, lixo), e da falta de formação inicial e continuada da maioria dos(as) professores(as) em relação a EA. É necessário que os(as) professores(as), atores diretos nesse processo educacional, assim como a E.M José Conrado de Araújo, compreendam o verdadeiro sentido da EA. Entretanto, em alguns discursos, foi possível identificar algumas tentativas de superação dos paradigmas tradicionais de interpretação da realidade, pois emergiu uma espécie de contradiscurso por parte dos professores. Nesse caso, aproximou-se de uma visão complexa de meio ambiente e, por conseguinte, da perspectiva crítica e participativa da EA. Não obstante essas concepções

na prática, ainda se apresentem enviesadas, elas podem ser a semente de uma grande árvore frutífera. Contudo, para tanto, é preciso que a teoria social crítica, inserida na práxis educativa, seja incorporada nas relações socioambientais e, assim, logo estará presente cada vez mais nas políticas públicas, na formação - inicial e continuada -, transpondo-se para o discurso e para as práticas respaldados em relações sociais concretas que visem à emancipação humana. Pode parecer um discurso utópico, revolucionário, mas ele se faz necessário. Ademais, corrobora-se com a prerrogativa de que para a concretização de ações no âmbito da EA Crítica, de formação do cidadão pleno e participativo, é preciso embebê-las em teorias críticas. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa possa desencadear novas perguntas e novos olhares que aprofundem as questões, o pensar e o agir da EA, ajudando a esclarecer caminhos, apontando para a concretização da EA Crítica nos espaços diversos de construção do conhecimento, como a escola, e buscando alternativas que superem o modelo da racionalidade hegemônica dominante.

Referências Bibliográficas BRASIL. Ministério da Educação e Cultura; **Lei 9.394**, Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, dez. 1996. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e saúde**- MEC/ Brasília, 1997a. _____. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente**. Brasília, 1997b. _____. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Temas Transversais. Brasília; 1998 _____. **Ministério da Educação. Propostas de Diretrizes da Educação Ambiental para o ensino formal** – Resultado do II Encontro Nacional de representantes de EA das Secretarias Estaduais e Municipais (capitais) de Educação – 2001; _____. **Constituição Federal, Código Civil (2002)**. Código do Processo Civil, Código Penal. Código de Processo penal e Legislação complementar. Barueri: São Paulo: Manole, 2003. _____. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a **Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 24 abr. 1999.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm)

[planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

[/ccivil_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm)

Acesso em: 07 mai. 2016. CARVALHO, I. C. M. As transformações na cultura e o debate ecológico: desafios políticos para a educação ambiental. In: **Tendências da Educação Ambiental Brasileira. Santa Cruz do Sul**: EDUNISC, 1998. _____. I. C. M. Qual Educação Ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. In: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, abr./jun. 2001. FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2005. GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. São Paulo: Papirus, 1995. _____. **A formação de educadores ambientais**. São Paulo: Papirus, 2004. _____. Abordagem relacional como forma de ação. In: GUIMARÃES, M. (org.) **Caminhos da Educação Ambiental: Da forma à ação**. Campinas: Papirus, 2006. p. 9-16. LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo, Cortez, 1991. _____. Desafios à educação ambiental escolar. In: JACOBI, P. (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998. p. 27-32. ROOS, A.; BECKER, L. S. B. Educação ambiental e sustentabilidade. **Revista Eletrônica em Gestão, educação e Tecnologia Ambiental**. Santa Maria, v. 5, n. 5, p. 857-866, 2012.

Disponível em:

<http://>

periodicos.ufsm.br

[/index.php](http://periodicos.ufsm.br/index.php)

[/reget/article/viewFile/4259/3035](http://periodicos.ufsm.br/reget/article/viewFile/4259/3035)

Acesso em: 07 maio 2016. SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31,n.2, p.317-322, maio/ago.2005.

Disponível em:

[www.](http://www.scielo.br)

[scielo.br](http://www.scielo.br)

[/pdf/ep/v31n2/a12v31n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a12v31n2.pdf)

Acesso em 03 maio 2016. TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.

[1] As práticas da educação ambiental têm como horizonte de possibilidades tanto a filiação a uma matriz emancipatória – reforçando um projeto político-pedagógico vinculado a uma cultura política libertária, baseada em valores como solidariedade, igualdade e diversidade, quanto uma

pedagogia “realista” que celebra o presente como ponto estático de chegada e aposta no fim das utopias (CARVALHO, 1998. p. 125).

[2] O termo “problemas ambientais” é utilizado com o propósito de chamar atenção para a dicotomização ser humano-natureza legitimada pelo paradigma hegemônico. Nesse sentido, esses problemas se restringem aos problemas considerados pela lógica dominante, isto é, àqueles que dizem respeito à natureza, pura e simples.

[3] “A consciência ingênua se crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agradar” (FREIRE, 2009, p. 113).

*Graduado em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe – UFS;
E-mail: ayslansobral@gmail.com

.

**Professora Assistente do Departamento de Biologia (DBI-UFS); Grupo de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental de Sergipe (GEPEASE).

***Professora Adjunta do Departamento de Educação (DED-UFS); Grupo de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental de Sergipe (GEPEASE).

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: